

## JORNALISMO E AUTOLEGITIMAÇÃO: A HISTORICIDADE DOS DISCURSOS AUTORREFERENTES<sup>1</sup>

Phellipy Pereira Jácome<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo parte de um breve escrutínio acerca de discursos autorreferentes do jornalismo em dois momentos da história brasileira, buscando perceber fissuras, discontinuidades, bem como traçar um contexto histórico que nos permita avaliar as eleições estratégicas dos diferentes sujeitos semióticos (*Diário Carioca* e *Organizações Globo*) em períodos específicos (década de 1950 e 2010, respectivamente). Acreditamos que um exercício histórico sobre as variações dos valores e das metáforas jornalísticas, tais como a "verdade", "imparcialidade" e a própria relação proposta ao leitor podem nos dar pistas de certos modos específicos de concepção e de abordagem daquilo que se entende por jornalismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Journalismo, História do Jornalismo, Discursos autorreferentes, Diário Carioca, Organizações Globo.*

**ABSTRACT:** This article begins from a brief scrutiny about self-referential discourses of journalism at two moments in Brazilian history, trying to discern lacks, discontinuities, as well outline a historical context that allows us to evaluate strategic elections of different semiotic subjects (*Diário Carioca* and *Organizações Globo*) in specific periods (1950s and 2010, respectively). We believe that a historic work on the variations of the values and journalistic metaphors, such as "truth," "fairness" may give us clues to specific modes of design and approach of what is meant by journalism in different moments.

**KEYWORDS:** *Journalism, Journalism History, Self-referential Discourses, Diário Carioca; Organizações Globo.*

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia

<sup>2</sup> Mestre e doutorando do programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. Participante do Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência. Seus trabalhos compreendem estudos sobre narrativas, narrativas jornalísticas, historicidade das formas jornalísticas, referencialidade e ficção.

## INTRODUÇÃO

Investigar um fenômeno tão complexo e multifacetado como o jornalismo não parece ser, sob nenhuma perspectiva, uma tarefa fácil. Ao contrário, "jornalismo" é uma palavra polissêmica, que diz respeito a emaranhados de relações que envolvem sujeitos, objetos, campos profissionais, regulação de valores, de práticas etc. Além disso, pertencem a alçada desse mesmo vocábulo distintos gêneros narrativos, modos de apropriação e configurações textuais ligados a diferentes dispositivos (ANTUNES e VAZ, 2011) que disputam sentido em nossa sociedade. Entretanto, frente a essa multiplicidade de relações, parece persistir, no campo de estudos em comunicação, uma visada que congela o jornalismo como um "tipo ideal", um modo de ser caracterizado por certos valores que garantiam sua especificidade. Isso porque, como ressalta Carvalho (2012), as reflexões científicas sobre o jornalismo são frequentemente acompanhadas por uma perspectiva que não consegue ultrapassar os limites das formas dominantes estabelecidas pelas próprias mídias noticiosas.

Fruto dos ideais da modernidade, esse discurso acredita numa transformação tecnológica do real (SOUSA SANTOS, 2003), na medida em que se apregoa que um conjunto de técnicas seria capaz de purificar a realidade a dissecá-la de forma "objetiva". É como se a técnica, tomada como impessoal e desinteressada, fosse capaz de se sobrepôr a perspectivas e interesses subjetivos em favor dos "fatos que reporta". Se nas ciências esse conceito de factualidade já vem sendo, há algum tempo, debatido e discutido (FOUCAULT, 2000; LYOTARD, 1998; LATOUR, 1994, 1998; POOVEY, 1998; SOUSA SANTOS, 1995), no campo dos estudos em jornalismo ele ainda parece como uma metáfora pouco problematizada.

Fruto de um realismo "ingênuo" (GOMES, 2009) e persistente, o discurso do jornalismo acerca de si aceita sem maiores problematizações a ideia que os fatos são entes definitivos e que poderiam existir de uma única maneira, isto é, a maneira como está descrita pelo jornal. Dita crença é preponderante nos lugares de autorreferenciação do jornalismo que, como aponta Ribeiro (2007, p.15), dizem respeito aos discursos por meio dos quais os jornalistas ou empresas de comunicação constroem uma autoimagem e, através da qual, pretendem se legitimar. Como afirma a autora, esses lugares podem ser encontrados no interior das próprias mídias noticiosas (em seus editoriais, em edições comemorativas ou explicativas de alguma mudança, em cartas de leitores, em

comentários, ou no próprio noticiário etc.) ou podem também estar "fora" (em propagandas institucionais, nos livros de memória ou comemorativos, em biografias, manuais de jornalismo, códigos de ética, princípios editoriais etc.).

A dicção presente nesses lugares parece ser claramente essencialista, com ares de receituário, dizendo mais daquilo que o jornalismo *deveria* ser do que da multiplicidade de formas em que ele se constitui, vinculando-o a um modo de ser permanente, associado a valores e ideais, a princípio, imutáveis e inegociáveis: tais como a isenção, a pluralidade, a correção, a independência, o compromisso com a democracia etc. Assim, se seguimos esse modo de apropriação, ao invés de nos perguntarmos quais seriam os papéis assumidos pelo jornalismo em determinadas matrizes discursivas ou na configuração de determinados acontecimentos públicos etc., nos esforçaríamos mais para proferir qual *deveria haver sido* dito papel. É como se a partir de um dado *a priori* relações não estáticas tivessem que ser definidas e, por isso, congeladas. Por isso, se para Gumbrecht (2010), o esforço intelectual contemporâneo estaria vivenciando um "presente dilatado", tendo em vista que não conseguimos, aparentemente, superar nossos predecessores, algo análogo poderia ser dito nas discussões acerca dos fenômenos jornalísticos. Isto é, na pouca problematização acerca dos "valores indubitáveis da profissão", esse tipo de perspectiva, taxa o jornalismo como algo recorrentemente falho, incompleto e, a nosso ver, a-histórico.

Entretanto, a existência histórica dos fenômenos jornalísticos (inclusive dos seus discursos de autolegitimação) demonstra a impossibilidade de conceber o real sem modificá-lo, já que está sujeito aos regimes sociais e campos de sentido existentes numa determinada época, o que o faz decisivamente histórico e mutável. Assim, é de se pensar que também os discursos que o jornalismo produz acerca de si são cambiantes no tempo. Afinal, como defende Abril (2007, p.81. original em espanhol), "todo texto pode ser lido como um índice de sua própria historicidade" e, ademais, estão carregados de pressupostos culturais e de formas coletivas de organização de sentido.

Por isso, o que pretendemos realizar nesse ensaio é um breve escrutínio histórico acerca de discursos autorreferentes do jornalismo em diferentes momentos da história brasileira, buscando perceber fissuras, mas também continuidades, bem como traçar um contexto histórico que nos permita avaliar as eleições estratégicas dos diferentes sujeitos semióticos (LEAL, 2002; LANDOWISKI, 1992; MOURA, 2010) em dados períodos sócio-históricos. Reconhecer a historicidade de valores, ideais e suas vinculações textuais/narrativas é importante, na medida em que, por exemplo, nos permite perceber

certas nuances típicas dos processos de modernidade/modernização brasileiros, em que a técnica vai assumindo diferentes matizes e papéis, o que gera uma problematização interessante e exige outros parâmetros de compreensão.

Tendo isso em vista, realizaremos nossa análise histórica a partir da seleção de alguns momentos chave de sedimentação do discurso autorreferente no jornalismo brasileiro: O *Diário Carioca* (década de 1950), responsável por introduzir novas técnicas "modernas" no campo jornalístico nacional; e as *Organizações Globo* (década de 2010), momento em que esse modelo de factualidade moderno do jornalismo dá mostras de esgotamento (RIBEIRO, 2007), tensionado por novos agentes e formas de apropriação e circulação da notícia. Um exercício histórico sobre as variações dos valores e das metáforas jornalísticas, tais como a "verdade", "imparcialidade" e a própria relação proposta ao leitor podem nos dar pistas de certos modos específicos de concepção e de abordagem daquilo que se entende por *jornalismo*. Nesse sentido, um exame histórico pode revelar que os próprios valores jornalísticos são historicizáveis, demonstrando particularidades onde, a princípio, só existiria constância e a-historicidade.

## **"MODERNA TRADIÇÃO" NAS METÁFORAS REGULADORAS DO JORNALISMO BRASILEIRO**

O jornalismo latino-americano e, particularmente, o brasileiro, a nosso ver, guarda aproximações, mas também diferenças significativas de modos de atuação política e de configurações narrativas se comparados a outras matrizes como a norte-americana e a europeia. Afinal, se, por exemplo, o jornalismo estadunidense pode se estabelecer como guardião dos ideais democráticos (SCHUDSON, 2008), os grandes conglomerados latino-americanos, ao contrário, são frequentemente questionados por suas ligações econômicas e ideológicas com as ditaduras militares da segunda metade do século passado.

Além disso, como aponta Ortiz (1988), a história brasileira é constituída no cenário de uma "moderna tradição", em que esses termos, aparentemente excludentes e antagônicos funcionam juntos, numa espécie de um desejo tradicional de modernidade. Nesse sentido, o autor defende a tese de que o modernismo dos países periféricos "é forçado a se construir sobre fantasmas e sonhos da modernidade" (ORTIZ, 1998, p.34).

Assim, no Brasil, tivemos alguns "surto" modernizadores ao longo da história, como no período Vargas. Entretanto, diz Ortiz, embora tenhamos tido outros projetos de modernidade, o que destaca a industrialização a partir da segunda metade do século passado parece ter sido decisivo para concretizar o desejo de, enfim, sermos modernos.

Não por acaso será nos anos 1950, marcados pelo ideal desenvolvimentista de Juscelino, que ocorrerá o processo de "modernização do jornalismo nacional". Assim, ainda que o jornalismo brasileiro sempre estivesse associado a uma ideia forte de duplicação da realidade, isso não exclui práticas que o dinamizam e atualizam essas metáforas instituidoras, modernizando-as. Marialva Barbosa (2007), Ana Paula Goulart Ribeiro (2007) e Afonso de Albuquerque (2010) apontam que a década de 1950 teria sido importante nesse processo, na medida em que houve a tentativa de importação do modelo estadunidense de jornalismo, ancorado em ideias factuais de objetividade e reproduzindo fortemente a metáfora do espelho. Nesse período, muitos jornais, principalmente os do Rio de Janeiro (então capital da república) passaram por reformas que tornaram sua lógica de produção mais industrial e padronizada. Como destaca Barbosa,

as reformas dos jornais da década de 1950 devem ser lidas como um momento de construção, pelos próprios profissionais, do marco fundador de um jornalismo que se fazia moderno e permeado por uma neutralidade fundamental para espelhar o mundo. A mítica objetividade – imposta pelos padrões redacionais e editoriais – é fundamental para dar ao campo um lugar autônomo e reconhecido, construindo o jornalismo como a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor (BARBOSA, 2007, p.150).

Pioneiro nesse processo de reformas editoriais na imprensa, o *Diário Carioca*, lançou, em agosto de 1945, uma coluna assinada sob o pseudônimo de "Joaquim Manoel" (provavelmente escrita por Pompeu de Souza) e intitulada "Cartas a um foca", que sempre trazia a advertência "*Num país em que todos se julgam jornalistas, eis uma pequena seção para discutir todos os dias os assuntos de jornalismo*" (*grifos nossos*). Tida na historiografia do jornalismo brasileiro como um marco da *modernização* da imprensa nacional (RIBEIRO, 2003, 2007; BARBOSA 2007; LAGE, FARIA E RODRIGUES, 2004; ALBUQUERQUE, 2010), a série de mudanças editoriais e empresariais implementadas pelo *Diário Carioca* funciona como um índice de uma mudança e da instauração, a partir da década de 1950, de um lugar institucional para o jornalismo, que pretendia autonomizar-se da Literatura como um campo próprio, capaz de "enunciar 'oficialmente' as verdades dos acontecimentos e se constituir como *registro*

*factual por excelência*" (RIBEIRO, 2007, p.14. *Com grifos nossos*). Assim, a partir, desse momento, o jornalismo se afirma como fala autorizada em relação à constituição da realidade, revestindo-se de uma aura de autoridade para dizer dos "fatos", o que lhe confere notável poder simbólico (*Idem*).

Para padronizar a produção do *Diário Carioca*, foi gestado um manual geral de redação (o primeiro do país), que descrevia minuciosamente as técnicas *modernas* a serem empregadas por todos os jornalistas (como a adoção de fórmulas narrativas como o lide, em substituição ao nariz de cera, a pirâmide invertida etc.). Também se investiu fortemente no treinamento de novos jornalistas, sem os vícios de uma escrita literária, tomada como "pouco profissional". Nesse período, a ideia de *fato* adentra as redações e ao universo jornalístico, podendo ser tomada como balizadora desse processo de modernização do jornalismo brasileiro. Isso feito não sem pressões e protestos dos "antigos" jornalistas. Nesse sentido, a querela de Nelson Rodrigues nos anos 1950 com os "idiotas da objetividade" é muito ilustrativa:

Falo muito no 'idiota da objetividade'. Ele é justamente quem vive dos fatos, depende dos fatos, morreria afogados sem os fatos. E, se alguém me diz que os fatos não são bem assim como eu conto, respondo: pior para os fatos (RODRIGUES *apud* RIBEIRO, 2003).

Isso é revelador de que a introdução nos novos métodos nas redações não foi nem pacífica e nem uniforme. Ao contrário, tratou-se, como ressalta Albuquerque (2010, p. 102), de uma "modernização autoritária", o que nos mostra nuances da "moderna tradição", de que nos fala Ortíz. Afinal, até mesmo na edição do *Diário Carioca* que, segundo a historiografia da imprensa, teria marcado o início de uma nova era para o jornalismo nacional, o jornal não abre mão do peso de sua história.

Em 1º de janeiro de 1950, num editorial assinado por Danton Jobim, o *Diário Carioca* pretende explicar a seu público a série de mudanças técnicas e tecnológicas pelos quais o periódico iria passar. Ele começa afirmando que na história do *DC* é marcada por "erros e acertos", mas que certamente o desejo de acertar sempre existiu e que o jornal tem "arriscado -vidas e bem materiais- na afirmação apaixonada de princípios...". Após uma breve contextualização sobre acontecimentos importantes na história do jornal na luta contra os poderosos, Jobim dá pistas mais gerais sobre um dos grandes "dramas" do jornalismo: o imperativo da defesa do público e a necessidade de se gerir como uma empresa que gere lucros: "Mas o drama do jornal é que, senão,

embora, sementeira de ideias, tem de ser também uma indústria, sem o que não poderá sobreviver para cumprir sua missão na sociedade". É visando então estabilizar-se economicamente que o *DC* lança mão de um discurso autorreferente com as marcas próprias da década de 1950 no Brasil e seu desejo de industrialização e de modernização.

Agora, finalmente, vai o DIÁRIO CARIOCA ocupar instalações *modernas*, modestas, mas rigorosamente adequadas à *indústria do jornal*, como informamos detalhadamente em outra parte desta edição. Isso não alterará substancialmente a fórmula de nosso jornal, mas nos tornará possível servir bem melhor aos nossos leitores. As mudanças técnicas por que passaremos este ano em nada influirão na orientação desta folha, que não renegará seu passado de lutas e sacrifícios, bem como o espírito público sempre revelado por I. E. Macedo Soares, seu fundador, e Horácio de Carvalho, seu editor proprietário. (DIÁRIO CARIOCA, 1º de janeiro de 1950, p.. *Grifos nossos*)

Podemos perceber aqui um profundo desejo de "modernidade", efetivada textualmente através de novas técnicas e, ao mesmo tempo, uma tentativa de manutenção de certos valores essenciais, dos quais o jornal diz não abrir mão. O que se nota, a partir da década de 50 é, então, um novo posicionamento dos valores modernos e jornalísticos. A profunda diferença parece existir na tentativa de constituição de uma autonomização do campo em relação à literatura e, nesse sentido, a técnica ocupará um papel fundamental (RIBEIRO, 2007). É a técnica que fará a objetividade e a verdade ocuparem diferentes campos semânticos e habitarem novos significados para a constituição dos  *fatos*. Ao longo de sete páginas, o *Diário Carioca* trata de explicar minuciosamente o seu novo prédio, as novas máquinas, o novo avião comprado para agilizar a entrega do periódico em outras regiões do país. Sempre com um apelo ao moderno, ao novo e ao ágil, que pode ser percebido em recorrências como: "Em oficinas novíssimas será feito um novo jornal", "Na casa nova do futuro", "Distribuição do Diário Carioca a trezentos quilômetros por hora", "Conjunto de linotipos modernos que funcionarão no novo jornal". Por fim, em um artigo assinado por Renato Jobim, é recuperada uma citação de Léon Daudet que nos é reveladora de um certo imediatismo diferente daquele que vivemos hoje e que pode ser interessante para pensar a relação do jornalismo com a temporalidade: "Em geral, o jornalismo envelhece logo, pela razão de uma atualidade sempre móvel e mutável; *a arte do jornalista é particularmente caduca*" (o destacado é nosso).

Visto isso, se na década de 1950, o esforço de constituição de um discurso auto-legitimador tinha como ponto de partida a diferenciação com o campo literário, na

contemporaneidade, a disputa pela semantização do real é complexificada pela presença de outros agentes midiáticos, por outras formas de produção, interação e circulação de informações. Nesse sentido, os Princípios Editoriais que as *Organizações Globo* lançaram, em 2011, nos parecem muito interessantes. Primeiro, porque dizem de um conglomerado midiático e não mais de um veículo específico. Isso é revelador de num novo cenário midiático, em que novos dispositivos disputam sentido: se antes, os principais concorrentes do *DC* eram os outros jornais impressos e o rádio, na atualidade a própria *Globo* é parte de uma organização empresarial que possui televisões, revistas, rádios, tevês a cabo, portais de web etc. Segundo, porque tal como as "Cartas para um foca" do *Diário Carioca*, as *Organizações Globo* também desejam esclarecer quem é ou não jornalista, numa tentativa de manter o controle sobre o relato dos fatos do cotidiano.

Com a consolidação da Era Digital, em que o indivíduo isolado tem facilmente acesso a uma audiência potencialmente ampla para divulgar o que quer que seja, nota-se certa *confusão entre o que é ou não jornalismo, quem é ou não jornalista*, como se deve ou não proceder quando se tem em mente produzir informação de qualidade (Organizações Globo, 2011, *online*. O destacado é nosso).

Entretanto, se na década de 1950, o intento era dado para gerar a identidade de um grupo profissional, de um fazer, de uma textualidade e separá-la de outra, literária, contemporaneamente quiçá estejamos assistindo à perda do monopólio da gestão do "fato" e a necessidade da reafirmação de uma posição hegemônica de controle da "purificação". O lançamento dos Princípios Editoriais das *Organizações Globo* funciona, nesse sentido, como índice desse amplo debate contemporâneo em relação às transformações no campo jornalístico. Dito debate, entretanto, está longe de ser uniforme e, ao contrário, pressupõe uma série de perspectivas, por vezes, muito distintas. Não raramente, encontramos pontos de vista que tomam a crise como algo positivo, em que, por exemplo, a aparição de novos agentes informativos poderia representar uma melhoria da qualidade da informação frente aos grandes conglomerados midiáticos. Por outro lado, parece haver certo temor (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013) no que diz respeito à perda daqueles que seriam parâmetros ou características "fundamentais" do jornalismo, num quadro de uma "atual" crise. É justamente por essa "confusão" entre o que poderia ser tomado ou não como jornalismo que as *Organizações Globo* decidem consolidar os princípios editoriais:

Certamente houve erros, mas a posição de sucesso em que se encontram hoje mostra que os acertos foram em maior número. Tais princípios foram praticados por gerações e gerações de maneira intuitiva, sem que estivessem formalizados ordenadamente num código (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, *online*).

Curioso perceber que de maneira parecida àquele Editorial do *Diário Carioca*, temos a retomada de um passado com "erros", mas plenamente justificado pelos "acertos". Além disso, há um reforço do papel da técnica, dos procedimentos para se chegar à verdade. Entretanto, ao contrário do *DC*, as *Organizações Globo* têm de responder a formulações e questionamentos contemporâneos sobre se existiria mesmo uma mesma verdade e como alcançá-la. A organização se defende assim:

Antes, costumava-se dizer que o jornalismo era a busca pela verdade dos fatos. Com a popularização confusa de uma discussão que remonta ao surgimento da filosofia (existe uma verdade e, se existe, é possível alcançá-la?), essa definição clássica passou a ser vítima de toda sorte de mal-entendidos. A simplificação chegou a tal ponto que, hoje, não é raro ouvir que, não existindo nem verdade nem objetividade, o jornalismo como busca da verdade não passa de uma utopia. É um entendimento equivocado. Não se trata aqui de enveredar por uma discussão sem fim, mas a tradição filosófica mais densa dirá que a verdade pode ser inesgotável, inalcançável em sua plenitude, mas existe; e que, se a objetividade total certamente não é possível, há técnicas que permitem ao homem, na busca pelo conhecimento, minimizar a graus aceitáveis o subjetivismo (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, *online*).

Ou seja, reforçar-se o papel da técnica como esse lugar de verificação e purificação da realidade, traduzida sobre forma de "verdade". Desse modo, a metáfora da verdade, da isenção e a ambiguidade da separação entre sujeito e objeto é refundada, ressignificada e reiterada. Afinal, a realidade social, econômica, tecnológica e cultural do país se modificou várias vezes. Vivemos períodos ditatoriais, democráticos, liberais, de censura etc. que forçam também um novo discurso de factualidade. Além disso, os Princípios se guiam em três "atributos da informação de qualidade". São eles: a isenção, a correção e a agilidade. A organização reconhece a impossibilidade de isenção, mas reafirma que é possível alcançar "graus aceitáveis", seguindo certos princípios. É curioso, nesse caso, notar que o discurso autorreferente possui uma circularidade: Os princípios são importantes para garantir isenção, que é produzida segundo alguns princípios... Em relação à correção, ela diria respeito a uma metodologia rígida de checagem da informação, bem como a utilização de "Ferramentas tecnológicas que permitem o acesso rápido a bancos de dados confiáveis" etc.

A agilidade talvez seja o ponto em que os Princípios das *Organizações Globo* mais se diferenciem em relação ao *Diário Carioca*. Isso porque se no jornal da década de 1950, a informação ainda era tratada como algo descartável, e arte do jornalismo era caduca; nos *Princípios*, o jornalismo é caracterizado por ser uma "atividade que produz conhecimento". Isto é, "um conhecimento que será constantemente aprofundado, primeiro pelo próprio jornalismo, em reportagens analíticas de maior fôlego, e, depois, pelas ciências sociais, em especial pela História" (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011). Ou seja, menos do que algo que "caduca", o conceito de jornalismo que temos agora é de uma primeira aproximação aos acontecimentos que servirão de base para fazer história. A descartabilidade, portanto, parece não ser mais um atributo desejável para a informação jornalística. Assim, se nos anos 1950 a notícia tinha "pressa" para ser absorvida por outra, nos anos 2000, essa relação é bem diferente: ela parece ter pressa para chegar antes e propor um primeiro conhecimento:

Portanto, é atributo fundamental da qualidade da informação jornalística ser produzida com rapidez. Se a História pode dispor de anos de trabalho para fazer aflorar a realidade, o jornalismo dispõe de algumas horas (no máximo, de alguns dias, se a publicação for semanal ou mensal). É a celeridade com que traça o primeiro retrato dos fatos que ao mesmo tempo dá utilidade à produção jornalística e justifica as suas lacunas. A notícia tem pressa (ORGANIZAÇÕES GLOBO, online).

O pequeno recorrido histórico que fizemos nesses dois discursos autorreferentes do jornalismo é instigante porque revela que onde se advoga constância e permanência verifica-se, na verdade, uma grande ebulição. Afinal, menos que "o" jornalismo, o que encontramos é uma multiplicidade de fenômenos que desafiam uma suposta unidade/homogeneidade. E menos do que "a" notícia, "a" verdade" o que percebemos são processos históricos complexos de sedimentação e inovação que atualizam as garantias da constituição moderna e de sua relação entre sujeito x objeto. Desse modo, se o discurso da modernidade está baseado na separação entre as mediações e as técnicas, nossa função, como defende Latour (1994), é considerá-las simultaneamente para questionar se, na prática, fomos, algum dia, modernos (ou, pelo menos, para perguntar-nos qual a qualidade de nossa modernidade). E, nesse sentido, o exame e a comparação histórica dos discursos de autorreferencialidade do jornalismo brasileiro e sua efetividade prática, encarnada em seus diferentes textos, podem nos dizer de distintos jornalismo e distintas modernizações, que nos ajudam a compreender melhor o conceito de jornalismo e suas problematizações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIL, Gonzalo. *Análises crítico de textos visuales*. Madrid: Síntesis, 2007.

ABRIL, Gonzalo. *Cortar y pegar: la fragmentación visual en los orígenes del texto informativo*. Madrid: Cátedra, 2003.

ALBUQUERQUE, A. *A modernização autoritária do jornalismo brasileiro*. Alceu (PUCRJ), v. 20, p. 100-115, 2010

ANDERSON, BELL & SHIRKY. *Post-Industrial Journalism: Adapting to the Present*. New York: Columbia Journalism School. Disponível em: <http://towcenter.org/research/post-industrial-journalism/>. Último acesso: 10/10/2013

ANTUNES, E. & VAZ, P. “Mídia: um halo, um aro, um elo”. In: FRANÇA, Vera. & GUIMARÃES, C. (org.). *Narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BARBOSA, M. C. *História Cultural da Imprensa Brasil 1800-1900*. 1. ed. Rio de Janeiro: MAUADX, 2010.

CABRAL, M. S. A. *A Narração do Fato - Notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

CARVALHO, Carlos Alberto de ; BRUCK, Mozahir Salomão. *Jornalismo: cenários e encenações*. São Paulo: Intermeios - Casa de Artes e Livros, 2012.

DAVIS, Lennard J. *Factual Fictions: the Origins of the English Novel*. Nova York. Columbia University Press, 1983.

ETTEMA, James; GLASSER, Theodore. A íntima dependência mútua entre fato e valor. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n°6, Brasília, julho - dezembro de 2011, pp. 249-276.

FOUCAULT, Michel; MUCHAIL, Salma Tannus, trad. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide invertida: por uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GOMES, Wilson. *Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2009.

GUMBRECHT, Hans. *Lento Presente*. Madri: Escolar y Mayo, 2010.

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*. São Paulo: Editora 34, 1994.

LEAL, Bruno Souza. *A produção da familiaridade e o pacto de leitura jornalístico*. Salvador: Intercom, 2002.

LYOTARD, J.F. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995.

MOURA, Maria Betânia. *Por uma teoria do formato jornalístico: reflexões sobre o jornal como sujeito semiótico*. Belo Horizonte: Tese de doutoramento, 2010.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

POOVEY, Mary. *A History of the Modern Fact: Problems of Knowledge in the Sciences of Wealth and Society*. Chicago: U Chicago P, 1998.

RIBEIRO, A. P. G. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50*. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Memória de Jornalista: um estudo sobre o conceito de objetividade nos relatos dos homens de imprensa dos anos 50*. Rio de Janeiro: Compós, 2002.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Campinas: Papyrus, 1994.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1995.

SCHUDSON, Michael. *Descobrendo a notícia*. Petrópolis: Vozes, 2008